Willian Bandeira viaja em silêncio à janela. Apesar de apenas 23 anos, é um dos mais sérios entre os passageiros do ônibus do time do Sindicato dos Atletas a caminho de Pelotas. Tem o olhar perdido, a testa franzida e um ar de preocupação latente. Está há meio ano sem clube. Deixara em casa a mulher, Thammy, e o filho, Joaquim, e perseguia na estrada mais uma chance na curta carreira.

– De repente, a gente dá um chute certo, tenho que tentar – justifica-se. – Preciso arrumar uma outra vida, tenho um filho de três anos, quero dar algo mais para ele.

Segundo volante, Willian jogou com Alisson e Sasha durante oito anos na base no Inter, entre 1998 e 2006. Seguiu por Atlético-PR e Caxias e se profissionalizou em 2009 no Guarani de Palhoça, Santa Catarina. Teve curto período no Cruzeiro-RS e voltou ao clube anterior. Até que, em junho do ano passado, não o chamaram mais.

Depois disso, só apareceram promessas furtivas.

– Dependo de contatos, porque não tenho empresário. Nem posso. Se depender de um, pode querer parte do salário e corro o risco de pagar para trabalhar – diz o atleta.

O salário a que Willian se refere é de R$ 1 mil a R$ 1,5 mil, não mais. São valores pagos em clubes de segunda e terceira divisões do Campeonato Gaúcho, a faixa em que ele considera mais viável encontrar um emprego.

– É muito pouco, mas é o que pagam. Se quero seguir o meu sonho, vou me submeter – diz.

A determinação é recente. Em seis meses sem clube, trabalhou nas Lojas Paquetá. Vendeu calçados por três meses. Como o salário no comércio regulava com o que os clubes menores pagam no Interior, Willian tomou uma decisão com a mulher: ela sustenta a casa trabalhando como cabelereira, ele vai atrás da aspiração.

No ônibus, o volante pensa nisso e nos contatos que não prosperam. Conhecidos prometem falar com tal clube e nada acontece. Alisson e Sasha, de quem é próximo, mal podem ajudar. Seus empresários são "de nome", são caros demais. Espera indicações de amigos dos tempos da base do Inter, como o zagueiro Romário, hoje no Paysandu, de Belém do Pará.

– Tenho um prazo: se não encontrar nada em seis meses, vou procurar outro emprego.

Enquanto isto, agarra-se a qualquer recurso, que é a mesma sina dos outros passageiros, como o volante, Júnior Bilo, 28 anos, que andou pelo Inter de Lages, Francisco Beltrão e Tupy de Crissiumal. Há sete meses sem clube, Bilo trabalhou de conferencista no comércio para manter três filhos. Ou o caso de Márcio Juninho, 27 anos, meia-atacante ambidestro há dois anos parado, depois de passar por Umuarama-PR, Arapongas-PA e América-MG. Com filho de três anos, recorreu a uma vaga de conferencista em empresa de logística.

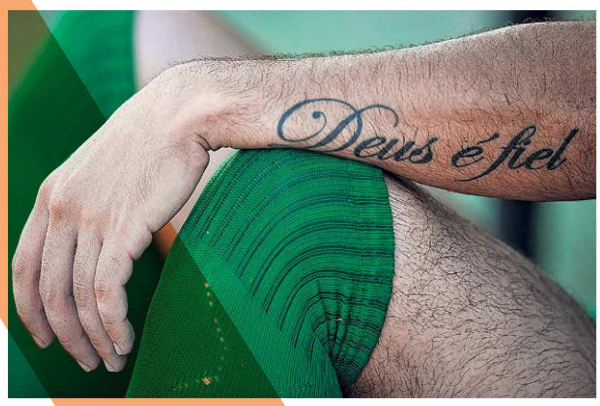
SELEÇÃO DA NIKE - O meia-atacante Nicholas dos Santos estava cabisbaixo na ida a Pelotas, apesar dos 21 anos. Após sete anos na base do Grêmio, assinou contrato aos 18 anos na seleção brasileira da Nike. Passou um ano em jogos no Exterior e em treinos na Granja Comary, no Rio. Foi colega de Vitinho, hoje no Inter. Hoje completa um ano sem clube. Quando o time do sindicato enfrentou os juniores do Grêmio no final do ano, alguém do Olímpico consultou o técnico Miltinho, interessado no número 10. Miltinho respondeu:

– É o Nicholas. Vocês mandaram ele embora.

FOTOS MATEUS BRUXEL

O volante e meia Willian Bandeira, que trabalhou numa loja de calçados, viaja calado a Pelotas: vai procurar clube por mais seis meses

VOLANTE JÁ VENDEU **SAPATO**



A tatuagem no braço do jogador do time do Sindicato: persistência em busca de uma solução de vida

O meia-atacante Nicholas já foi da seleção da Nike e está há um ano sem emprego: expressão de tristeza

SEGUE